

JOAQUIM NORBERTO DE SOUSA SILVA

palestra brasileira

José Américo Miranda*
UFMG

RESUMO

O texto aqui apresentado, preparado para publicação por José Américo Miranda, é obra de um dos mais operosos literatos do Romantismo brasileiro: Joaquim Norberto de Sousa Silva. Mais conhecido por sua crítica literária e sua contribuição à história da literatura brasileira, assim como por seus estudos biográficos e pelas edições que preparou dos poetas árcades e românticos brasileiros, Joaquim Norberto foi também historiador, poeta e teatrólogo. Nesta “Palestra Brasileira”, que publicou nas páginas da *Revista Popular*, no primeiro semestre de 1862, sob o pseudônimo de Fluviano, o autor combina sua vocação poética com a de historiador, num texto em que dados coletados em pesquisas de natureza histórica aparecem humoristicamente emoldurados por uma narrativa de cunho ficcional.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura Brasileira, História do Brasil, Romantismo.

COISAS DO BRASIL

O escritor Joaquim Norberto de Sousa Silva (1829-1891) foi uma personalidade típica do século XIX brasileiro: depois dos primeiros estudos, dedicou-se espontaneamente ao trabalho intelectual, foi pesquisador assíduo e escreveu obras de diversos gêneros: da corografia à história, da biografia à crítica literária, da poesia lírica ao teatro, do conto ao romance, da crônica jornalística ao ensaio, dos estudos lingüísticos às traduções.

Foi ele o primeiro autor brasileiro a projetar uma *História da Literatura Brasileira*, cujos capítulos publicou aos poucos na imprensa de seu tempo. Essa *História* ficou inacabada e só recentemente teve seus capítulos reunidos em livro, de acordo com o projeto do autor. Duas edições diferentes se fizeram desses textos: uma, pelo professor Roberto Acízelo de Souza, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sob o título *História da*

* Edição, apresentação e notas.

Literatura Brasileira e Outros Ensaio (Rio de Janeiro: Zé Mário, 2002); a outra, pelos professores José Américo Miranda e Maria Cecília Boechat, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob o título *Capítulos de História da Literatura Brasileira e Outros Estudos* (Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001). A maior parte dos capítulos dessa *História*, Joaquim Norberto os publicou na *Revista Popular*, noticiosa, científica, industrial, histórica, literária, artística, biográfica, anedótica, musical, etc., etc. – periódico que circulou no Rio de Janeiro entre 1859 e 1862.

Nas páginas dessa mesma revista, deixou ele inúmeras outras contribuições, muitas vezes assinando as matérias com pseudônimos. A propósito desses disfarces, Almir Câmara de Matos Peixoto (1951: 75-76), estudioso de sua obra, diz o seguinte:

Às vezes, quebrava-se, em Norberto, a austeridade do homem exato, e prevalecia o tom de gracejo. É feição curiosa de seu espírito. [...] Nessas ocasiões – é assinalável – encobria sua identidade (tal, como ao não pretender responsabilizar-se muito por certos trabalhos). A mesma face não servia para o homem sério e o gracejador, para o papel em que resolvera realizar, socialmente, a sua personalidade e o que intimamente a ele se opunha.

A face social que o escritor se impunha era a de intelectual civilizador, todo posto ao serviço da criação do Brasil e da Literatura Brasileira. Joaquim Norberto foi historiador (escreveu uma *História da Conjuração Mineira*), foi historiador literário e foi talvez o mais importante editor de textos literários do seu século. Além de antologias, em que procurava reunir o que havia de mais importante na literatura brasileira, tanto de seu tempo como do passado colonial, cuidou ele de pesquisar, escrever biografias e editar as obras completas de numerosos poetas: Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga, Gonçalves Dias, Laurindo Rabelo, Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu.

Sua outra faceta, mais leve e dada ao bom humor, ele a cultivou com freqüência, mas sob o disfarce dos pseudônimos. Só na *Revista Popular*, utilizou os seguintes, já identificados: Fluviano, Achimbert, Inerto Zailva e Jonor Achimbert (esses últimos, anagramas e combinações diversas das letras e dos nomes Joachim ou Ioachim, Norberto, Souza e Silva). Provavelmente o ocultam, também, os pseudônimos Guanabarino, Américo Brasilino, Brasíliaico, Brasíliaco e Sebastianopolino. A propósito da sugestão nacionalista desses nomes, deve-se lembrar que Joaquim Norberto deu a dois de seus filhos os nomes de Armando Fluviano e Oscar Guanabarino. (Cf. Souza 2002: 25)

A obra que ora editamos foi publicada por Fluviano e é um curioso caso de mistura de gêneros literários, assim como de união entre pesquisa histórica e literatura, seriedade e humor. Informações históricas reunidas por pesquisas minuciosas e precisas ganham, no texto da “Palestra Brasileira”, uma moldura ficcional que arremata o senso de humor que perpassa as próprias notas históricas e os critérios de sua classificação.

Em outra peça publicada na *Revista Popular*, intitulada “Os homens célebres de todos os tempos e de todos os países – Dicionário biográfico universal”, Fluviano se incluiu no dicionário com o seguinte verbete: “Fluviano: Nulidade entre as notabilidades deste dicionário.” (Silva 1862: 261)

Esta edição pretende trazer ao leitor de hoje o texto e o humor saborosos do usualmente sisudo Joaquim Norberto.

PALESTRA BRASILEIRA*

investigações através dos tempos históricos¹

AS PRIMEIRAS COUSAS DO BRASIL

HISTÓRIA PARA PRÓLOGO

A ignorância a respeito das cousas da pátria é a pior de todas as ignorâncias; quem não sabe o que tem ido e vai pela sua casa pouco ou nada poderá adivinhar ou prever a respeito do que irá. A história é a mestra dos povos.

Conversava uma vez com a Exma. Sra. viscondessa de ***, quando ela lembrou-se de chamar a nossa palestra para as cousas da pátria.

– Doutor, disse-me ela, já que tanto papagueia a respeito de nossas cousas, diga-me quais são as *Primeiras cousas* do Brasil.

Citei-lhe meio cento delas.

– E agora quais são as *Cousas curiosas*?

Apresentei-lhe um quarteirão delas.

– E quais são as *Cousas impróprias*?

Apontei-lhe uma dúzia das que sabia.

– E quais são as *Cousas provisórias*?

Achei ainda meia dúzia delas para lhe narrar.

– E as *Cousas coincidênciais*?

Fiz-lhe ver uma ou duas.

– E quais têm sido as *últimas cousas do Brasil*? interrogou-me ela finalmente.

Contei-lhe as que eu sabia.²

– Pois bem, disse-me ela, vejo que não o achei desaperecebido nas nossas cousas, apesar do vago do exame; o que aposto, porém, é que S. Sa. não é capaz de escrevê-las.

– E com que fim, Exma. Sra., irei eu desencavar tanta cousa?

– Com o de ganhar a aposta.

– Mas qual é o prêmio que me deve aguçar a busca?

– Oh Sr. doutor, me voltou a amável viscondessa, o prêmio vale o trabalho.

E murmurou-me algumas palavras ao ouvido.

– Pois bem, disse eu, aceito a aposta.

– Então amanhã cá o espero com a coleção completa...

– Amanhã...³ repeti eu empalidecendo.

* Este artigo teve sua primeira parte publicada na *Revista Popular* (doravante, abreviadamente, RP), Rio de Janeiro, B. L. Garnier, ano IV, t.XIII, p.112-121, jan.-mar. 1862.

¹ Na *Revista Popular* (RP), o título, o subtítulo e os títulos de seções deste artigo de Joaquim Norberto são pontuados. Nesta edição essa pontuação foi suprimida.

² Vírgula, na RP.

³ Vírgula, seguida de reticências (quatro pontos), na RP.

– E então?
– Pois eu escrevo a vapor?
– Pois então uma série cada dia, e no fim da semana terá concluído a⁴ sua missão, e ganhado a aposta.

– Assim aceito, disse eu.

E apertamo-nos as mãos.

Seis noites consecutivas visitei a linda viscondessa, e fiz-lhe a leitura de meus apontamentos sobre as cousas do Brasil; no fim de cada leitura, ela me dizia com uma voz harmoniosíssima, que lhe traía a origem espanhola:

– Muito bem!

Na última noite terminei bradando:

– Venci, ganhei.

Então a amável viscondessa cumpriu a sua promessa.

Era o prêmio causar-me uma surpresa agradável. E causou-me.

Lá em que consistiu ela, contarei um dia, será o epílogo desta pequena série de artigos, já que esta história lhe serviu de prólogo.

- O primeiro português, que tratou com os naturais do Brasil, foi o capitão Nicolau Coelho; deu-lhes o seu barrete vermelho e uma carapuça de linha em troco de enfeites de penas e contas, mas não pôde desembarcar por causa do muito rolo do mar. Esta permuta teve lugar na embocadura do rio do Frade em 23 de abril de 1500.
- O primeiro português, que pôs o pé em terra por ocasião do descobrimento de Pedro Álvares Cabral, foi Afonso Ribeiro criado de D. João Telo que ia degradado para a Índia. Mandado à terra, os índios o recambiaram com os mimos que levava. O instinto da dignidade humana fez que repugnasse tão má fazenda. Em 25 de abril de 1500.
- A primeira missa, que se disse no Brasil, foi na baía de Porto Seguro, no ilhéu chamado *Coroa Vermelha* em o domingo de Pascoela. Em 26 de abril de 1500.
- O primeiro sacerdote, que disse missa no Brasil, foi Fr. Henrique, no ilhéu chamado *Coroa Vermelha*, na baía de Porto Seguro. Armou-se um esperavel⁵ e dentro dele se erigiu o altar. A missa foi cantada em 26 de abril de 1500.
- A primeira cruz, que se plantou no Brasil, foi a que mandou fazer Pedro Álvares Cabral e deixou como marco da conquista. A cerimônia teve lugar em o 1.º de maio de 1500; e então pela 2.ª vez se disse missa no Brasil. É este ato que representa o quadro do Sr. Vítor Meireles, impropriamente chamado da primeira missa.

⁴ Na RP: concluído o. O artigo não é necessário à frase; pode ser que a gralha consista na repetição do “o” final de “concluído”. Optou-se, entretanto, pela substituição do artigo masculino pelo feminino.

⁵ “esperavel”: o mesmo que “esparavel” – espécie de toldo, franjas de um cortinado.

- A primeira pessoa, que deu por escrito notícias sobre o Brasil, foi Pero de Andrade Caminha⁶, um dos escrivães da armada de Cabral. A Carta é datada de Porto Seguro ao 1.º de maio de 1500 e dirigida ao rei D. Manuel, o feliz.
- A primeira pessoa, que deu notícias do descobrimento do Brasil, foi Gaspar de Lemos, enviado extraordinariamente por Pedro Álvares Cabral ao seu rei D. Manuel.
- Os primeiros índios, que no Brasil, receberam os portugueses, foram os tupiniquins,⁷ habitantes de Porto Seguro, onde ancoraram as naus de Pedro Álvares Cabral, em 1500.
- Os primeiros brasileiros, que foram a Portugal, foram dois tupiniquins,⁸ que Gaspar de Lemos levou para aquele reino a despeito das ordens de Pedro Álvares Cabral.
- O primeiro rio, que os portugueses viram e examinaram no Brasil, foi o rio do Frade. Ao capitão Nicolau Coelho tocou essa missão em abril de 1500.
- A primeira colônia agrícola da América foi o Brasil. Em 1531 teve lugar a introdução da cana do açúcar na capitania de S. Vicente.
- A primeira *bandeira*, que se entranhou pelos sertões do Brasil, foi a que dirigiu Pero Lobo com 80 homens enviada por Martim Afonso de Sousa em 1531.
- A primeira casa de misericórdia, que se fundou no Brasil, foi a vila hoje cidade de Santos;⁹ teve por fundador Brás Cubas em 1543. Foi confirmada por D. João III em 2 de abril de 1551.
- A primeira capital, que teve o Brasil, foi a cidade da Bahia, fundada por Tomé de Sousa, para sede da nova administração dada ao novo Estado¹⁰ pelo rei D. João III em 1549.
- Os primeiros jesuítas, que vieram ao Brasil, tinham por chefe o padre Manuel da Nóbrega. Chegaram à Bahia com Tomé de Sousa em 1549. O seu número era apenas de seis.
- A primeira alfândega fundada no Brasil foi a que teve princípio na Bahia no ano de 1549. Seus fundamentos foram lançados por Tomé de Sousa, o incansável governador.
- O primeiro governador geral, que teve o Brasil, foi Tomé de Sousa, o qual veio fundar a cidade da Bahia, sede da nova administração, onde chegou a 29 de março de 1549.
- A primeira colônia de mulheres, que veio para o Brasil, foi enviada à Bahia pela rainha D. Catarina, em 1550. Compunha-se de moças do recolhimento das órfãs de Lisboa que deviam casar com as principais pessoas do Estado,¹¹ conferindo-se-lhes em dote empregos da justiça e real fazenda.

⁶ Na RP: Caminho. Trata-se de Pero Vaz de Caminha.

⁷ Na RP: tapininkins.

⁸ Na RP: tapininkins.

⁹ É possível que o “a” que antecede “vila” seja preposição indicativa de lugar. Entenda-se: “foi à vila [na vila] hoje cidade de Santos”. Mas é possível que esteja faltando algo na passagem; podendo-se propor, por exemplo, o seguinte entendimento: “foi a [da] vila hoje cidade de Santos”.

¹⁰ Na RP: estado, com inicial minúscula.

¹¹ Na RP: estado, com inicial minúscula.

- O primeiro bispo, que teve o Brasil, foi o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha. Chegou à Bahia no 1.º de janeiro de 1542. Morreu mártir.
- A primeira missa, que se ouviu na província de S. Paulo, foi dita pelos jesuítas na igreja do colégio, no dia 25 de janeiro de 1555.
- A primeira epidemia, de que há notícia no Brasil, foi a que cometeu os tamoios do Rio de Janeiro em 1556. Morreram para mais de 800. Lescarbot¹² diz que houve quem persuadissem a essa pobre gente que era Villegaignon quem os fazia morrer.
- A primeira igreja que se construiu no Rio de Janeiro, foi a de S. Sebastião, a *Sé Velha*, sobre o morro do Castelo, onde ainda se vêem as campas rasas de Estácio de Sá e de Nóbrega. Isto é, a espada e a cruz.
- A primeira pessoa, que os portugueses enforcaram no Rio de Janeiro, foi o infeliz francês João Bolés. Simão de Vasconcelos diz que Anchieta, para apressar a execução e poupar o martírio do desgraçado calvinista, ensinara ao algoz, que era um simples curioso, o modo de fazê-lo bem.¹³
- O primeiro corpo de infantaria de linha, que houve nesta cidade, denominava-se terço, e fez a guarnição desta praça até ao ano de 1767. Foi organizado com os *infantes* com que Estácio e Mem de Sá conquistaram o Rio de Janeiro aos franceses e tamoios, e dissolveu-se em 3 de outubro de 1793.
- O primeiro corpo de artilheria, que houve nesta corte, foi criado por Mem de Sá. Compôs-se dos indivíduos e canhões e guarneceram os esquadrões com que vieram à conquista do Rio de Janeiro.
- O primeiro provedor, que teve a fazenda real no Rio de Janeiro, foi Estêvão Peres por provisão do governador Mem de Sá.
- O primeiro ouvidor, que teve a cidade do Rio de Janeiro, nomeado pelo seu governador, foi Cristóvão Monteiro. Serviu por nomeação de Mem de Sá desde 1556 até 1590.
- Os primeiros cavalos importados no Brasil foram os de Cabo Verde. A primeira província a possuí-los foi a Bahia em 1581. Venderam-se então a 10 e a 12\$000 réis cada um.
- A primeira província, em que se estabeleceram os frades franciscanos, foi a de Pernambuco em 1585. Vieram em número de sete às instâncias de Jorge d'Albuquerque Coelho; e tinham por custódio e comissário o padre Fr. Melchior de Sta. Catarina.
- A primeira expedição, que hostilizou o Brasil, foi a de Eduardo Fanton, que ia para as Índias Orientais em 1585. Aproximou-se de S. Vicente, mas apenas pôde meter a pique um navio espanhol, e seguiu a sua derrota.¹⁴

¹² Marcos Lescarbot (1580 – 1630): advogado, literato e viajante francês, autor de *História da Nova França* (1610).

¹³ Simão de Vasconcelos relata esse episódio da vida de Anchieta no Livro Segundo, cap. XIV, n.4-7, da *Vida do Venerável Padre José de Anchieta*, obra publicada em 1672.

¹⁴ “derrota”: o mesmo que “rota”.

- O primeiro poeta, que houve no Brasil, foi Bento Teixeira Pinto, o qual em 1601 publicou o seu poema *Prosopopéia* dirigido a Jorge d'Albuquerque Coelho. É escrito em oitava-rima.
- O primeiro ouvidor provido pelo rei para as três capitanias do sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente com o distrito anexo das Minas de seu termo foi Amâncio Rebelo. A sua provisão data de 29 de maio de 1619. O seu ordenado era de 100\$000 anuais.
- A primeira obra, que publicou-se sobre a história natural do Brasil, foi a de Piso e Marcgraf, em 1658.¹⁵
- As primeiras esmeraldas do Brasil foram achadas por Garcia Rodrigues Pais, que teve patente de seu descobrimento em 23 de novembro de 1683. Outros dizem que foi seu irmão Fernando Dias Pais, em 1664, além do Serro Frio.
- O primeiro ouvidor privativo do Rio de Janeiro foi Miguel de Siqueira Castelo Branco por provisão de 7 de dezembro de 1689.
- A primeira povoação, que foi incendiada no Brasil, foi a de S. Vicente por Thomas Cavendish, pirata inglês. Desesperado da enérgica oposição dos paulistas, lançou fogo à nascente vila em 1591.
- O primeiro ouro tirado nas minas do Brasil foi apresentado por um tabateno¹⁶ chamado Antônio Rodrigues Arzão em 1693.
- A primeira obra, que se fez com o ouro do Brasil, foram duas medalhas, uma para o capitão-mor da capitania do Espírito Santo, João de Velasco Molina e outra para Antônio Rodrigues Arzão, em 1693. Ambas pesavam três oitavas.
- A primeira casa de moeda, que houve no Brasil, foi ereta na cidade da Bahia em 1694. Contudo supõe-se que o Rio de Janeiro já a havia possuído pelos anos de 1663 e 1664.
- Os primeiros sertanejos paulistas, que trouxeram a esta cidade as primeiras amostras de ouro achado em Minas Gerais, foram Carlos Pedroso da Silveira e Bartolomeu Bueno de Cerqueira, em 1695.
- O primeiro governador do Rio de Janeiro, a quem foram presentes as primeiras amostras de ouro que apareceu em Minas Gerais, foi Antônio Pais de Sande em 1695.
- O primeiro governador, que enviou ouro encontrado em Minas Gerais para Lisboa, foi o do Rio de Janeiro, Sebastião de Castro e Caldas. Em 1696, como consta de cartas régias.
- O primeiro governador do Rio de Janeiro, que teve a patente de capitão-general, foi Artur de Sá e Meneses, em 1697. Os seus antecessores governavam com a patente de capitães-mores governadores.

¹⁵ A obra mencionada foi publicada em 1648.

¹⁶ “tabateno”: forma não registrada no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (1999) nem nos dicionários da língua consultados. Teodoro Sampaio (*O Tupi na Geografia Nacional*, 1987, p.327) esclarece que Taubaté significa aldeia grande. Além disso, ele registra a forma “Tabaté” – substantivo que poderia muito bem ter dado origem à forma empregada por Joaquim Norberto.

- O primeiro capitão-general *ad honorem*, que teve o Rio de Janeiro, foi Artur de Sá e Meneses. Até então (1697) tinham os governadores o título de *capitão-mor*.
- A primeira vez que se tratou de *dique* no Rio de Janeiro, foi em 26 de maio de 1716, data da carta régia que mandou aplicar à obra de sua construção a quantia de setecentos mil cruzados, tirados da dízima da alfândega.
- Os primeiros ciganos que chegaram à Bahia, foram remetidos de Lisboa em 1718. A câmara municipal lhes ordenou que fossem habitar o bairro da Palma, que desde então e impropriamente ficou se chamando *Mouraria*.
- As primeiras fazendas de criar, que teve a província do Maranhão, foram fundadas pelos paulistas, esses atrevidos exploradores, em 1719.
- Os primeiros capuchinhos italianos, que vieram ao Rio de Janeiro, haviam saído de Lisboa e destinavam-se à ilha de S. Tomé. Às instâncias do governador Aires Saldanha de Albuquerque Coitinho aqui ficaram em 1720.
- O primeiro governador, que teve a capitania de Minas Gerais, foi D. Lourenço de Almeida que tomou posse em 8 de agosto de 1721.
- O primeiro governador, que teve a capitania de S. Paulo, depois da criação de Minas Gerais, que fazia parte dela, foi Rodrigo César de Meneses, o qual tomou posse a 5 de setembro de 1721.
- O primeiro terremoto, que se sentiu na cidade da Bahia, foi no dia 4 de janeiro de 1724. Sentiu-se também na ilha de Itaparica.
- O primeiro brasileiro, que publicou uma história do Brasil, foi Rocha Pita, natural da Bahia, autor da *América portuguesa*, impressa em Lisboa em 1724.¹⁷
- A primeira sociedade literária, que houve no Brasil, foi a que se estabeleceu na Bahia em 1724, sob o título de *Academia Brasílica dos Esquecidos*.
- Os primeiros diamantes do Brasil foram achados¹⁸ no Serro do Frio, em Minas Gerais, por Bernardo Lobo de Sousa em 1729. O governador D. Lourenço de Almeida os remeteu para Lisboa, como *pedrinhas brancas*, que ele julgava serem diamantes.
- A primeira sociedade literária, que houve no Rio de Janeiro, foi a *Academia dos Felizes*, em 1736.
- O primeiro governador de Pernambuco, que fez justiça na forca alguns criminosos de morte, foi Henrique Luís Vieira Freire de Andrade, o qual administrou a capitania desde 1737 a 46.
- O primeiro governador, que teve a província de Santa Catarina, foi o brigadeiro José da Silva Pais, que tomou posse em 1739.

¹⁷ A obra de Rocha Pita intitula-se *História da América Portuguesa, desde o ano de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro* e foi publicada em 1730. O engano de Joaquim Norberto deve atribuir-se ao título da obra.

¹⁸ Na RP: achadas.

- A primeira tipografia que houve no Rio de Janeiro, foi estabelecida por Antônio da Fonseca, em 1740 a 1750. Foi destruída por ordem do governo português.
- O primeiro ouvidor, que morou na rua deste nome da cidade do Rio de Janeiro, foi Manuel Amaro Pena de Mesquita Pinto, nas casas que foram de José de Andrade. Em 1745.
- A primeira obra, que se imprimiu no Rio de Janeiro, foi a *Relação da entrada que fez o bispo D. Frei Antônio do Desterro Malheiro, escrita por Luís Rosado da Cunha*. Em 1747.
- O primeiro chanceler, que teve a relação do Rio de Janeiro, foi João Pacheco Pereira, que já o era na Bahia. Tomou posse em 13 de outubro de 1751.
- A primeira poetisa, de que há notícia no Brasil, foi D. Ângela do Amaral, cega *a nativitate*.¹⁹ As suas poesias encontram-se no livro *Júbilos da América*.
- A primeira pessoa, que observou no Brasil o bicho da cochonilha sobre as folhas da Urumbeba (*Cactus opuntia*), foi o cirurgião Maurício da Costa, na província do Rio Grande do Sul, sendo que sua atenção foi despertada por um espanhol com o qual viajava e que residira no México, em 1760 a 1770.
- Quem primeiro introduziu o bicho-da-seda no Brasil foi Lourenço Belfort, que também trouxe a amoreira de Lisboa, de 1762 a 1766 enviou ele do Maranhão para Portugal 63 libras de seda.
- O primeiro vice-rei, que teve o Brasil, foi o conde da Cunha. A sede da capital, que era na Bahia, passara-se para o Rio de Janeiro. Tomou posse no dia 19 de outubro de 1763.
- A primeira província em que se introduziu o arroz da Carolina foi a do Maranhão. A introdução foi no ano de 1765.
- As primeiras calçadas, que teve a cidade do Rio de Janeiro, foram mandadas fazer pelo vice-rei marquês de Lavradio, um dos melhores que governou o Brasil, em 1769 a 74.
- O primeiro lugar, em que se plantou o café no Rio de Janeiro, foi na cerca do hospício dos padres Barbadinhos e na quinta de João Hopman, além do arraial de Mataporcos.
- Os primeiros bichos-de-seda introduzidos no Rio de Janeiro foram mandados vir pela Academia Científica, que instituíra o marquês de Lavradio. Eram sustentados com as folhas da Tataíba (*Morus*²⁰ *tinctoria*), do que resultou seda de boa qualidade. Em 1770 a 1780.
- Quem primeiro introduziu o café no Rio de Janeiro foi João Alberto Castelo Branco, chanceler da relação desta cidade, que mandou vir do Maranhão, sua província natal, as primeiras plantas. Em 1770.
- O primeiro brasileiro, que ocupou-se da classificação das plantas da sua pátria, foi frei José Mariano da Conceição Veloso, autor da *Flora Fluminense*, em 1770 a 80.

¹⁹ Na RP: a nativitate, em redondo.

²⁰ Na RP: *morus*, com inicial minúscula.

- O primeiro jardim público, que se fez no Brasil, foi o *Horto botânico*, na cerca do colégio dos extintos Jesuítas, que servia então, como agora de hospital militar. Era seu diretor, em 1778, Antônio José Castrioto.
- O primeiro censo, que se fez da população no Brasil, foi em 1776. A população era de 1.500.000 indivíduos, que em 1798 elevou-se a 3.000.000 e em 1819 a 3.617.900, sendo 1.728.000 pretos cativos, 843.000 brancos, 426.000, mestiços, mulatos, mamelucos e libertos, 159.500 pretos forros de todas as nações africanas. Hoje calcula-se em 10.000.000 de habitantes.
- O primeiro ministro diplomata, que veio ao Brasil, foi *lord Strangford*, como enviado extraordinário e ministro plenipotenciário de S. M. Britânica nesta corte. Em 1808.
- A primeira igreja do Rio de Janeiro, em que entrou o príncipe regente, foi a do Rosário, em seu desembarque, a qual era então (crede, ó vindouros!) a catedral da capital do Brasil, em 8 de março de 1808.
- A primeira pessoa do Rio de Janeiro, que cumprimentou o príncipe regente, foi o intendente da marinha José Caetano de Lima, em escaler barra fora, e conseguiu abordar a nau *Príncipe Real*. Em 7 de março de 1808.
- O primeiro eclesiástico de ordem superior, que recebeu o príncipe regente no Brasil, foi o arcebispo da Bahia²¹ D. José de Santa Escolástica.
- O primeiro governador, que recebeu o príncipe regente no Brasil, foi o governador e capitão-general da Bahia, o conde da Ponte, João de Saldanha da Gama.
- O primeiro presidente, que teve o real erário desta corte, foi D. Fernando José de Portugal, depois marquês de Aguiar. Nomeado em 28 de junho de 1818.
- A primeira vila criada no Brasil pelo príncipe regente depois de sua chegada a esta corte foi a de Porto Alegre em 23 de agosto de 1808.
- O primeiro bispo no Brasil, que mereceu a honra de ser capelão da casa real foi D. José Caetano da Silva Coitinho, por carta régia de 3 de junho de 1808.
- O primeiro chafariz inaugurado no Brasil depois da chegada do rei foi o do campo de Santana, em 13 de maio de 1808. Era de pau ou provisório, como o teatro que aí está; depois é que se fez o que existe.
- Os primeiros anos de pessoa real festejados no Brasil, estando ela presente, foram os da rainha D. Carlota Joaquina, [e]spo[sa]²² de D. João VI, então príncipe regente, em 25 de abril de 1808, 33^o do seu nascimento.
- O primeiro chefe de polícia do Brasil foi o desembargador Paulo Fernandes Viana, com o título de intendente geral da polícia do Rio de Janeiro, emprego criado em 10 de maio de 1808.

²¹ Na RP: Babia.

²² Os caracteres entre colchetes não estão legíveis na cópia microfilmada da RP.

- O primeiro núncio apostólico, que veio ao Rio de Janeiro, foi D. Lourenço Caleppi, arcebispo de Nísibis.²³ Chegou aqui a 8 de setembro de 1808.
- O primeiro lazareto de quarentena, que se criou, foi o da Boa Viagem, no Rio de Janeiro em 1809.
- A primeira fábrica de pólvora que houve foi estabelecida na fazenda de Rodrigo de Freitas, onde era há pouco tempo o jardim botânico desta corte. Foi criada em 1809.
- O primeiro casamento de pessoa real, que houve nesta corte, foi o do infante de Espanha D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança com a princesa D. Maria Teresa, filha do príncipe regente, depois D. João VI, em 13 de maio de 1810.
- A primeira província, em que se introduziu a árvore da fruta do pão, foi Pernambuco. O introdutor foi João Severiano Maciel da Costa, depois marquês de Queluz, em 1811.
- O primeiro príncipe, que nasceu no Brasil, foi D. Sebastião, filho do príncipe D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança e da princesa D. Maria Teresa, o qual veio à luz nesta corte em 4 de novembro de 1811.
- O primeiro enterro de pessoa real, que se viu nesta corte, foi o do príncipe D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança, em 1812.
- A primeira praça de comércio, que tivemos, foi na Bahia. Inaugurou-se no dia 28 de janeiro de 1817, nono aniversário da abertura dos portos do Brasil e liberdade de comércio.
- O primeiro que criou comissões militares no Brasil foi o conde de Arcos, governador da Bahia em 1817, onde tiveram lugar quatro execuções de pessoas implicadas na revolução pernambucana.
- A primeira solenidade de coroação real, que houve no Brasil, foi a do príncipe regente, que ficou com o nome de D. João VI. O que teve lugar em 6 de fevereiro de 1818.
- A primeira igreja protestante, que foi fundada no Brasil, pertence aos ingleses. A pedra fundamental foi lançada em 12 de agosto de 1819, nesta cidade.
- O primeiro que introduziu a cultura do abacaxi no Rio de Janeiro, foi Francisco Xavier, que tinha sido guarda-mor da Alfândega, em sua chácara de Matacavalos. Chamavam então a essa fruta *ananás da Índia*. Em 1820.
- A primeira pessoa que lembrou a utilidade da fundação do Instituto Histórico Brasileiro e de sua revista trimestral foi o Sr. Ferdinand Denis. Veja-se o seu *Resumée de l'histoire littéraire du Brésil*, Paris, 1826.
- O primeiro presidente, que teve a província do Rio de Janeiro, foi o Sr. Dr. Joaquim José Rodrigues Torres, hoje visconde de Itaboraí. Tomou posse em 1834.
- A primeira linha de vapores, que se estabeleceu no Brasil, foi a da navegação entre esta corte e a cidade de Niterói, que começou a funcionar em 1835.

²³ Na RP: Nizibi.

- O primeiro sócio, que perdeu o Instituto Histórico, foi um dos seus fundadores, o marechal Raimundo José da Cunha Matos.
- Os primeiros camelos importados para o Brasil foram mandados vir pelo Sr. José Ferreira Lobo, ilustre fazendeiro do Rio de Janeiro. Não se aclimataram por não ser o país próprio para camelos de quatro pés. Em 1830 a 1840.
- A primeira cidade no Brasil, que foi atacada pela febre amarela, foi a Bahia em 1849. Parece que já o havia sido no século décimo sétimo, mas a terrível doença foi então pitorescamente denominada *bicha*. Labat afirma que ela começara na cidade do Recife, onde morreram 2.000 pessoas.
- A primeira estrada de ferro, que se inaugurou no Brasil, foi a de Mauá à raiz da serra da Estrela. O Sr. Irineu Evangelista de Sousa teve então o título de barão de Mauá. Em 30 de abril de 1854.
- O primeiro jornal, em que se imprimiram as primeiras cousas que se fizeram no Brasil, foi a *Revista Popular*.
- E o primeiro brasileiro, que se lembrou de escrever as primeiras cousas, foi o FLUVIANO.²⁴

²⁴ Na *RP*, o nome Fluviano não vem em continuidade direta com as outras palavras da frase; embora guarde conexão sintática com elas, ele vem mais abaixo, ao final do texto, deslocado para a direita, para indicar a autoria do artigo. Fluviano é pseudônimo de Joaquim Norberto.

PALESTRA BRASILEIRA²⁵

investigações através dos tempos históricos (*Continuação**)

AS COUSAS CURIOSAS DO BRASIL²⁶

- A coleção de frutas brasileiras feitas de ouro, do tamanho natural, que o filho de Bartolomeu Bueno da Silva ofereceu pessoalmente em Lisboa ao rei dom João V.
- Os objetos que antigamente pertenceram a um gigante que houve no Rio de Janeiro, e que hoje figuram como emblemas de algumas casas de negócios, como são a espingarda gigantesca, o bule monstro, o relógio do Gondolo e o cachimbo de Trigit, etc.
- O galo da torre monumental da capela imperial, sobre um globo mais pequeno, e debaixo de uma cruz maior do que ele.
- A casa da praça monumental da Constituição, a qual sendo de sobrado tem apenas uma janela em cima e uma porta em baixo. Paula Brito dizia com muito espírito que era *uma guarita*. (Hoje pode servir para a sentinela ao monumento.)
- O carrinho e a pá com que S. M. o Imperador inaugurou os trabalhos da primeira estrada de ferro do Brasil existentes no museu do Instituto Histórico que os solicitou do Sr. barão de Mauá, por proposta do Sr. J. Norberto. São instrumentos primorosos. A pá é de prata, assim como todos os relevos do carrinho.
- A cobra de estranha configuração que matou-se na freguesia de Muritiba. “Não tinha um pé de comprido, diz Aires de Casal, que a viu; mas era grossa, roliça, lisa como enguia, da qual tinha a cabeça; a calda era curta, aguda com forma piramidal: tinha quatro pés extremamente pequenos sem sinal de pernas.”
- A constituição do império, com seus 37 anos de existência. Não só é cousa curiosa para o império e para a América do Sul, como para o mundo. Só existem duas mais velhas do que ela: a da Inglaterra, que passa bem, e a dos Estados- Unidos, que vai mal, muito mal.
- A moeda papel da terra do ouro!
- As pedras falsas na terra dos diamantes!
- Os brasões da nossa fidalguia sem passado e que sonha com as tradições heráldicas de além-mar.

²⁵ A segunda parte da “Palestra Brasileira”, que neste ponto se inicia, foi publicada na *Revista Popular*, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, ano IV, t. XIV, p. 203-213, abr.-jun. 1862.

* Por este asterisco fica o leitor da *RP* ciente de que a primeira parte do artigo fora publicada na mesma revista, por meio do seguinte aviso, que vem no rodapé: “V. *Revista popular*, t. 13, p. 113.”

²⁶ Neste título, só neste ponto há ponto-final. Deve-se entender que os dizeres anteriores não são verdadeiramente títulos, pois servem apenas para indicar de que artigo é este a continuação.

- As narrações dos viajantes estrangeiros a respeito do Brasil e dos brasileiros.
- O Pão de Açúcar ainda intacto! Admira como já não o arrendaram para pedreira! Bruto e selvagem, como o fez a natureza, é uma das maravilhas naturais. A astronomia o perfilhou felizmente como marco meridiano do império. Alvarenga Peixoto visara nesse enorme penhasco o monumento da nossa independência.
- A destruição do Passeio Público, que havia sido restaurado, e que ao menos recordava uma época histórica, isto é, a de Luís de Vasconcelos, quando com o dinheiro que ali se gasta poder-se-ia ter um novo, ao gosto moderno. Consta que se vão pôr nas pirâmides as seguintes inscrições: *À saudade do outro!* e *O Brasil reforma tudo!* Quanto ao menino do cágado esse dirá alto e bom som: *Sou útil ainda arrasando!...*

AS COUSAS IMPRÓPRIAS

- Os dois conventos de freiras que existem nesta corte, sem utilidade alguma para a moderna sociedade, quando reformados poderiam ser tão úteis à educação das órfãs desvalidas e à restauração da saúde das mulheres pobres. “Não é só rezando que se serve a Deus!” Disse S. M. I. nas suas viagens pelas províncias do norte.
- Haver até hoje uma rua com o nome de rua dos Inválidos, contra a vontade de seus moradores bons como uns pêros,²⁷ quando ali já nem existe sinal da casa em cujo frontispício se lia: “O Ilmo. Exmo. Sr. dom José de Castro, conde de Resende e capitão-general deste Estado²⁸ mandou fazer esta casa em 1794.” Era ao menos a cousa mais útil do mais inútil dos vice-reis que teve o Brasil.
- O paço imperial da cidade, que, se era decente para os vice-reis dos tempos coloniais, é hoje impróprio para corte e majestade de um império florescente.
- A catedral do império, mais conhecida pelo nome de *capela imperial*, a qual, se era suntuosa e magnífica igreja para os frades carmelitas, é imprópria pela sua pequenez para a celebração dos atos solenes da igreja em que toma parte a majestade imperial.
- O morro Santo Antônio, entregue ao desamparo sem que se trate de nivelar-lhe a crista e prepará-lo em soberbo terrapleno para um dia receber os alicerces do capitólio imperial.
- A arquitetura de nossas casas sem que a câmara municipal se importe com isso. Os arquitetos do Rio de Janeiro são os *mestres-de-obras*, que nada entendem do *riscado*. Os artistas que a academia das belas-artes apronta ficam às moscas, e vão para as praias a ver navios!
- A câmara dos deputados é um edifício que apesar de todos os enormes dispêndios ainda se ressentido de sua origem. Ali esteve a câmara municipal desta cidade e a cadeia pública.

²⁷ Na RP: “peros”. A palavra é ambígua; pode significar “portugueses, europeus em geral” ou “pêros”, espécie de maçã. Macedo Soares (*Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*) registra, com o sentido de “português, europeu em geral”, o vocábulo “peró”.

²⁸ No texto: “estado”, com inicial minúscula.

- O campo da Aclamação no inqualificável abandono em que existe, onde apenas damos o tristíssimo espetáculo aos estrangeiros de lavarmos a nossa *roupa suja* em público e raso,²⁹ quando deveríamos fazê-lo em casa.
- O nome de *rio* dado à baía de Niterói, ficando-se impropriamente chamando *Rio de Janeiro*. Assim como o de rua *Direita* dado à rua mais tortuosa que temos na capital do império. Na cidade de Niterói há uma *pobre* rua chamada da *Magnificência!*
- O nome de Corcovado dado ao monte mais alto do Rio de Janeiro.
- A legislação portuguesa por que se rege o império depois da sua emancipação política, e que já tem desaparecido daquele reino, revogada por outras mais dignas dos tempos atuais. Se não tem sido por preguiça, pode ser por tolerância.
- A introdução dos camelos quando a instrução pública existia ainda em mísero estado de atraso, ainda mesmo independente da vontade e esforços dos governos de todas as cores que temos tido.
- Um frade com o posto de tenente-coronel do exército como Santo Antônio de Lisboa, padroeiro do convento dos franciscanos desta corte.
- O namoro por meio de anúncios nas folhas diárias desta corte.
- A iluminação da cidade em noites de luar, em puro desperdício dos cofres públicos. O dinheiro que se poupasse nesse luxo desnecessário dava para o aformoseamento do campo da Aclamação.
- A procissão de mendigos de um e outro sexo que percorre as ruas desta bela Sebastianópolis³⁰ esmolando com mil lamúrias, quando podiam ser aproveitados em colônias penitenciárias, onde o trabalho adequado às suas forças lhes ministrasse o necessário à vida e lhes tirasse o hábito de pedinchões.
- A exposição das mazelas dos mendigos nas escadarias dos templos, praças e ruas desta cidade. Homens e mulheres e até crianças! em vez de tratarem de se curar, procuram conservar as suas enfermidades entretendo-as à falta de asseio, como *fonte de renda*. Exploradores da caridade pública especulam com a própria saúde, e concorrem para um espetáculo horrível e hediondo.
- Chafarizes nos cantos das ruas estreitas, que as tornam noite e dia enlameadas.
- Praças e ruas largas e bonitas sem arvoredo que as aformoseie e sem estátuas e monumentos que as enobreçam.
- Dois cais na rua da Glória, um por cima e outro por baixo, com paredões tão altos que privam os passeantes da bela e pitoresca vista do mar.

²⁹ Antenor Nascentes (*Tesouros da Fraseologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966. p.249) registra “Assinar, declarar, dizer em [público] e raso. Sem reticências, claramente. Assinar por extenso e em presença de testemunhas perante o tabelião.”

³⁰ Na *RP*: “Sebastionopolis”.

AS COUSAS PROVISÓRIAS

- As bicas que se puseram no chafariz das Marrecas, enquanto se consertavam as marrecas que se quebraram.
- O telheiro que aformoseia o largo da Carioca, ao lado do chafariz monumental. É de uma elegância arquitetônica que faz honra à engenharia brasileira.
- O código do comércio, que é provisório até que a experiência mostre as emendas que lhe convém fazer. Foi isso pelo menos o que se disse no senado quando o aprovaram, à carga cerrada, rejeitando-se numerosas emendas.
- O teatro Lírico Fluminense ou barracão do campo da Aclamação que o mestre Vicente Rodrigues teve a habilidade de fazer segundo a encomenda, isto é, que durasse somente dois anos. Os esqueques ainda o sustentam.
- A secretaria da agricultura e obras públicas, que foi instalada provisoriamente no edifício da secretaria do império na rua da Guarda Velha, e hoje existe provisoriamente nas casas compradas para o edifício do teatro Lírico Fluminense, que deve ser, dizia o programa do concurso, o primeiro da América do Sul.
- O palácio da exposição pública, que pertence à escola central, menos os alicerces que são da igreja de S. Sebastião, antiga catedral da capital do vice-reino do Brasil, que não foi adiante.
- Todas as obras públicas, particulares e jesuíticas que se estão fazendo no morro do Castelo, para serem depois pagas à custa dos cofres nacionais em sua demolição! A terra há de ser pesada a ouro!

AS COUSAS COINCIDENCIAIS

- Foi um Pedro quem descobriu o Brasil, e foi outro Pedro quem proclamou a sua independência política.
- O mestre de campo D. Francisco de Sousa, governador e capitão-general interino que foi de Pernambuco, tomou posse no dia 11 de janeiro de 1721, dia em que faleceu o seu antecessor, e deixou a administração da capitania no dia 11 de janeiro de 1722, em que chegou o seu sucessor.
- Dom José Botelho de Matos, oitavo arcebispo da Bahia, e dom frei João da Cruz, quinto bispo do Rio de Janeiro, foram sagrados no mesmo dia, 5 de fevereiro de 1741. Até aqui nada há de notável; mas é célebre que, partindo de Lisboa, chegaram ambos no mesmo dia às suas dioceses em 3 de maio do mesmo ano, e tomaram posse no dia imediato.
- Dom Bernardo Rodrigues Nogueira, primeiro bispo de S. Paulo, andou sempre neste mundo debaixo da influência do número sete. Por uma coincidência notável tomou posse por procuração de seu bispado no dia 7 de agosto de 1746, e chegou à sua diocese no dia 7 de dezembro do mesmo ano. O último sete foi-lhe mais fatal, pois faleceu em 7 de novembro de 1748.

- Dom João Manuel de Meneses foi governador e capitão-general de Goiás. Podia dizer-se dele que tomara posse do governo em um dia e deixara no outro. Em 25 de fevereiro de 1800 recebeu ele a administração da capitania, e no dia 26 de fevereiro de 1804 a entregara a seu sucessor.
- No dia 27 de novembro de 1807, em que a família real embarcava em Lisboa para o Brasil, nascia no Rio Pardo o Sr. Manuel de Araújo Porto-Alegre, o distinto arquiteto que tinha de construir a varanda para a coroação do imperial neto do príncipe regente.
- A nau *Príncipe Real*, que concluiu-se na Bahia no tempo do governo do capitão-general Francisco da Cunha Meneses, foi lançada ao mar no dia 12 de setembro de 1805. No dia 28 de janeiro de 1808 entrava a mesma nau no porto daquela mesma cidade, tendo a bordo o *príncipe real*, depois dom João VI!
- Dom João VI o bom e pacífico rei dizia que dois desgostos tinha tido no Rio de Janeiro no mesmo dia: a morte do infante de Espanha dom Pedro Carlos, casado com a filha do mesmo monarca, a princesa da Beira, e o fatal armistício conhecido pelo título “Cláusulas do tratado entre os governos do Brasil e de Buenos Aires, na forma de dezesseis artigos adicionais.” A morte do príncipe e a celebração do armistício tiveram lugar no dia 26 de maio de 1812.
- O enterro de Henrique José de Carvalho e Melo, marquês de Pombal e conde Oeiras, o qual, falecendo em 26 de maio de 1812, isto é, quatro anos depois de sua mulher, veio a ocupar a mesma catacumba em que ela foi sepultada, na igreja de Santo Antônio dos religiosos franciscanos desta cidade.
- Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho e frei Francisco de Monte Alverne ilustraram o convento de Santo Antônio desta corte. Ambos foram oradores sagrados de primeira plaina, e ambos morreram no mesmo dia, em 2 de dezembro! Rodovalho em 1817, Monte Alverne em 1859.
- O cônego Januário da Cunha Barbosa foi deportado para a França por influência de José Bonifácio de Andrada e Silva, então primeiro ministro do império; quando o cônego regressava à pátria, provada a sua inocência, cruzava no oceano com José Bonifácio de Andrada e Silva, que também ia deportado para a França!
- O padre Luís Antônio da Silva e Sousa, pregando na igreja de Santa Ana, catedral da província de Goiás, por ocasião da ação de graças pelo nascimento de S. M. o Imperador, tomou por tema da sua oração gratulatória as seguintes palavras: – *filius, qui nascetur tibi erit Vir quietissimus: facium enim eum quiescere ab omnibus inimicis suis percircuitem: et ob hanc causam pacificus vocabitur et pacem et otium dabo in Israel cunctis diebos ejus.*³¹ O filho, que te há de nascer, será varão de consumada prudência: eu o farei tranqüilo no meio dos inimigos, e por isso se chamará Pacífico, havendo traqüilidade e paz em Israel em todos os dias. *Paralipom Lib. 1º, cap. 22, v. 9.* O padre Luís Antônio da Silva e Sousa profetizou uma época que felizmente realizou-se. Ao imperador cabe o cognome de Pacífico; o seu reinado é o da paz, a sua política a da conciliação entre todos os brasileiros.

³¹ Na *RP*, o trecho em latim vem em redondo.

- Dom Pedro I tomou a deliberação de abdicar a coroa imperial em 6 de abril de 1831. Napoleão I abdicou também a coroa, dando a renúncia do império em Fontainebleau em 6 de abril de 1814.
- José Bonifácio de Andrada e Silva, nomeado tutor de S. M. o imperador o Sr. dom Pedro II em 6 de abril de 1831, faleceu no dia 6 de abril de 1838, na cidade de Niterói.
- O Sr. general José Inácio de Abreu e Lima refere uma coincidência que vai por conta da sua pena: “Para aquela mesma província (Espírito Santo) tinha o padre Feijó, seis anos antes, sendo regente do império, mandado também sem forma de processo um homem pardo chamado Lafuente, que escrevia um periódico, sob o falso pretexto de que era ali criminoso. Seis anos depois era a sua vez, não sob falso pretexto, mas sob o peso de um crime: *Altos são os juízos de Deus!*”
- O Exmo. general barão de Caxias, hoje marquês, abriu a campanha rio-grandense em S. Lourenço no 1º de março de 1843 e proclamou a pacificação da província no 1º de março de 1845.
- O Dr. Sigaud, o ilustre francês que abraçou o Brasil por sua pátria, nasceu no dia 2 de dezembro, e fazia anos com S. M. I., e tomou o grau de doutor em medicina no dia 7 de setembro, em que o Brasil tomou também depois o grau de nação livre entre as nações do globo, e por 48 horas de diferença não morreu no dia da fundação do império, pois faleceu no dia 10 de outubro de 1856. Esta coincidência foi notada pelo Sr. Porto-Alegre.
- S. M. a imperatriz do Brasil, o rei de Itália, Vítor Manuel, e seu filho o herdeiro presuntivo da coroa, nasceram no dia 14 de março, salvo os anos.³²

AS ÚLTIMAS COUSAS

- O conde dos Arcos foi o último vice-rei que teve o Brasil, porque no seu governo chegou a esta corte a família real, e, quando tantas personagens se elevavam, o vice-rei descia na escala social, e era mandado para a Bahia como governador de capitania.
- A ordem imperial da Rosa foi a última ordem honorífica que se criou no império. Data de 1829. A de Cristo é religiosa, a de Avis guerreira, a da Rosa poética, a do Cruzeiro sublime, e a de Pedro I misteriosa.
- Os últimos versos que compôs Evaristo Ferreira da Veiga foram na vila da Campanha, em Minas Gerais, em 1836 ou 1837.

³² e o país belo, que parte

O Apenino, e cinge o mar, e os Alpes.

Basílio da Gama. [N. do A., assinalada no texto e no rodapé por um asterisco. Esse trecho de Basílio da Gama é tomado aos versos 291 e 292 do canto terceiro de *O Uruguai*: na RP, começa pela expressão “e no paiz bello”, em vez de “e o país belo”; traz dois-pontos no lugar do ponto-final e não traz vírgula depois da palavra “mar”. O trecho que aqui apresentamos está como na edição crítica das *Obras Poéticas de Basílio da Gama* (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996) preparada por Ivan Teixeira.]

- A última guerra que tivemos foi com Rosas, o tirano do Prata. Deus queira que seja a última.
- As últimas cousas do Brasil são presentemente tantas que para enumerá-las fora preciso fazer um catálogo tão longo como o da exposição pública, porque quase todas são agora as últimas.

EPÍLOGO

Acabei a minha leitura com as últimas cousas do Brasil.

Desta vez a Exma. viscondessa não me disse – Muito bem!

Eu olhava para ela esperando a sua aprovação, e sobretudo o meu prêmio, o qual devia consistir em uma agradável surpresa.

E nem aprovação, e nem surpresa!

Um silêncio sepulcral nos separava como um abismo profundo.

Interrompi-o eu.

– Então, Exma. senhora, o que diz do meu trabalho?

– Bom, muito bom, disse-me ela sorrindo-se, e o seu sorriso era amável e malicioso ao mesmo tempo.

– E o prêmio, lembrei-lhe eu, e o prêmio minha senhora?

– Ah! sim, disse ela como que se recordando, a agradável surpresa?

E riu-se expansivamente.

– É verdade, respondi eu, e felizmente não vos esqueceste dela.

– E também sabia, ajuntou a linda senhora, que ainda que me esquecesse³³ seria lembrada por vós. Pois bem...

E interrompeu-se olhando para mim como quem procurasse ler no fundo de minha alma.

– Hesitais, Sra. viscondessa?

– Sim, afirmou-me ela; e não sem alguma vergonha...

– Como assim?

– Naturalmente vou passar por uma mulher indiscreta...

– Oh! não, nunca! continuai, prossegui!

– Pois bem, ouvi. O vosso trabalho não é completo.

– Explicai-vos?

– Entre as *primeiras cousas* vos esqueceste de muitas, sobre as curiosas de algumas, entre as provisórias ainda melhor, entre as impróprias também, e entre as coincidenciais de uma muito notável, e sobre as últimas de quase tudo quanto podíeis dizer.

– As provas! as provas! Disse-lhe eu como um incrédulo que pede o que não lhe hão de dar.

– Escutai-me, respondeu-me a viscondessa.

³³ Na RP: “sequecesse”.

Tirou³⁴ então d'entre³⁵ a sua camisa de cambráia que lhe aparecia por entre um magnífico roupão que lhe resguardava o seio de neve um papelinho perfumoso e leu-me as seguintes notas:³⁶

PRIMEIRAS COUSAS

Eis aqui pelo menos dezesseis³⁷ que faltam no vosso trabalho:

- O primeiro autor que infamou a América foi Aristóteles, pois escreveu que toda a terra situada na zona tórrida era incapaz de habitação pelos excessivos ardores do sol.
- A primeira bula que se publicou sobre o Brasil é a célebre bula de Alexandre VI, que dividiu a América entre Portugal e Espanha. Tem a data de 4 de maio de 1493.
- O primeiro porto em que os portugueses entraram foi o que Cabral chamou Seguro; as suas naus ancoraram aí no dia 24 de abril de 1500.
- O primeiro piloto que sondou a baía de Porto Seguro foi Afonso Lopes, a mandado de Pedro Álvares Cabral. O mesmo dia.
- As primeiras palavras que se disseram no Brasil foram – *In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen.* – na missa que se celebrou em Coroa Vermelha, no dia 26 de abril de 1500.
- O primeiro governador que o rei Filipe de Espanha nomeou para o Brasil, como rei de Portugal, foi Manuel Teles Barreto, o qual tomou posse em 11 de junho de 1583.
- O primeiro vice-rei que teve o Brasil foi o marquês de Montalvão, dom Jorge Mascarenhas,³⁸ por nomeação do último Filipe rei de Espanha. Residia na Bahia.
- A primeira tipografia que houve no Brasil, foi a que estabeleceram os holandeses em Pernambuco pelos anos de 1634 a 1654, e parece ter pertencido a um tal Brée, que esqueceu-se de nos deixar informações sobre a sua importante pessoa.

³⁴ Este parágrafo vem, na *RP*, precedido de travessão (que suprimimos), como se ele fosse réplica do diálogo em andamento. Trata-se, evidentemente, de discurso do narrador.

³⁵ Entenda-se: “de entre”, isto é, de dentro de. Neste caso, a supressão do apóstrofo daria “dentre”, palavra que expressaria menos adequadamente a idéia.

³⁶ As enumerações feitas pela viscondessa vêm, na *RP*, apenas anunciadas em itálico, no início da linha em que começa o próprio texto das curiosidades por ela assinaladas. Por simetria com o destaque que o autor deu às suas próprias observações, optamos, nesta edição, por dar igual destaque às observações da viscondessa. O autor as publicara apenas em itálico e, em todos os casos, no início da linha em que começa o texto, sem nenhuma indicação de que se tratava de um intertítulo.

³⁷ Na verdade, são dezoito. Conservou-se o “dezesseis”, pela imprecisão que caracteriza as conversações entre pessoas em reuniões sociais.

³⁸ Na *RP*: “Mascaranhas”.

- A primeira obra que se imprimiu no Brasil foi *Brasilsch Gelt-Sack*,³⁹ que vale tanto como se se dissesse *Bolsa do dinheiro brasileiro*. Foi impressa na cidade do Recife, tipografia de Brée, no ano de 1647, tempo da invasão e domínio dos holandeses, e contém 28 páginas não numeradas.
- A primeira tipografia que houve no Rio de Janeiro foi fundada por Antônio Isidoro da Fonseca pelos anos de 1750 e tantos. As primeiras obras que se imprimiram no Rio de Janeiro foram o *Exame de artilheiros* e o *Exame de bombeiros*. Tanto a tipografia como as obras foram seqüestradas pelo governo português.
- O primeiro museu estabelecido no Brasil foi o que teve o Rio de Janeiro, organizado pelo vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa no edifício onde se acha agora o tesouro nacional e era conhecido pela *Casa dos Pássaros*.
- As primeiras livrarias, isto é, lojas de livros que houve no Brasil, foram estabelecidas no Rio de Janeiro e, segundo sir John Staunton, não continham mais do que obras de teologia e medicina.
- Os primeiros que deram notícias dos índios guaicurus foram os paulistas, e, cousa singular, já encontraram entre eles grandes manadas de gado vacum, cavalari e lanígero.
- A primeira ordem honorífica americana criada no Brasil foi a ordem do Cruzeiro, no 1º de dezembro de 1822.
- O primeiro teatro que se inaugurou em Curitiba, capital da província do Paraná, foi no 1º de janeiro de 1856. Representou-se então o drama histórico do Sr. L. A. Burgain,⁴⁰ intitulado *Luís de Camões*.
- A primeira baía do Brasil é a do Rio de Janeiro, conhecida por *Niterói*, a qual também passa por uma das primeiras do mundo. Tem 6 léguas de comprimento e 4 de largura; a sua circunferência é de dezesseis léguas. Conta em seu seio setenta e tantas ilhas.
- O primeiro rio do Brasil em extensão é o Amazonas que também passa pelo primeiro do mundo.

³⁹ Segundo Rubens Borba de Moraes (*Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial*, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1979, p.61-62), o folheto intitulado *Brasilsche Geltsack* foi tomado por muitos historiadores como evidência de ter havido tipografia no Recife durante a ocupação holandesa, no governo de Maurício de Nassau. Segundo o mesmo autor, Alfredo de Carvalho provou que o folheto foi impresso na Holanda. Sobre a existência de imprensa no Brasil holandês, afirma Alexandre Passos (*A Imprensa no Período Colonial*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1952, p.19): “Não há nenhum documento que prove o estabelecimento de prelos em Pernambuco, durante a dominação holandesa, e, por este motivo, não pode ser levada em conta essa contribuição, que apenas ficou na tentativa.”

⁴⁰ Luís Antônio Burgain nasceu no Havre (França), em 1812. Veio jovem para o Rio de Janeiro, onde se dedicou ao magistério; foi poeta, teatrólogo e autor de livros didáticos. Morreu nessa cidade em 1877.

- A primeira ilha do Brasil é a do Marajó, na embocadura do rio Amazonas, conhecida também por ilha de Joanes.⁴¹ Tem de extensão 45 léguas do nascente ao poente e de largura 40; isto é, metade da área que ocupa o reino de Portugal na Europa.

COUSAS CURIOSAS⁴²

Entre as cousas curiosas, disse-me a Sra. viscondessa, apenas notarei que vos falta uma muito essencial.

- José de Arruda e Sá, que era casado com Ana da Fonseca Correia, ambos tão brancos como os nossos fidalgos de puro sangue, e ambos moradores na vila de Cuiabá, conduziu no dia 18 de junho de 1799 ao coadjutor Manuel Machado de Siqueira uma filha para que a batizasse e deu-lhe o nome de Isabel.

As pessoas que presenciavam na matriz da freguesia esta solenidade, tão comum entre nós, mostravam-se contudo admiradas por causa de um fenômeno que a natureza representara na pobre Isabel.

Era branca da cabeça até o embigo e dos joelhos até a extremidade dos pés; porém preta do embigo até os joelhos.

Dir-se-ia que trazia umas calças de banho.

COUSAS IMPRÓPRIAS

Entre as cousas impróprias, ajuntou a viscondessa, vos esquecestes de meia dúzia delas, que vos peço licença para vos lembrar.

São as seguintes:

- O uso de fumar nos nossos veículos de condução tanto de rodagem como de viagem.⁴³ É incivilidade incomodar o próximo, e sobretudo as senhoras, e por isso se não deve atirar com o *fumo que se tem na boca* à cara dos outros.

⁴¹ Na *RP*: Joannes. Alexandre Rodrigues Ferreira (*Revista do Livro*, ano VII, n.26, p.145-164) informa sobre a ilha de Marajó: “Chama-se Ilha de Joanes, porque havendo sido povoada por diversas nações de Índios, como foram os Aruans, Mucoons, Ingaíbas, Mariapans, e Cariponás, entre estes a povoou também a nação Juioanas, eis aqui o nome que depois com o tempo se reduziu ao que hoje tem de Joanes, como se disséssemos ilha de Juioanas.” (p.148-149)

⁴² Na *RP*, a separação das partes da fala da viscondessa é assinalada por um asterisco no meio da linha.

⁴³ “vogagem”: palavra não dicionarizada e que não consta do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*: designa, evidentemente, os meios aquáticos de transporte.

- O *Soutilinda*⁴⁴ do Passeio Público, quando o cágado que tem na mão por brinquedo não deita um bocejo de água que seja.
- A grande extensão de alguns quarteirões desta corte, como o que fica entre as ruas da Carioca, do Cano, da Vala e praça da Constituição, quando tão fácil fora subdividi-lo prolongando a rua ou travessa de S. Francisco de Paula.
- Os nomes de muitas ruas e praças desta capital, como Sabão, Ciganos, Quitanda, Inválidos, Ajuda, Mãe do Bispo, quando outros já lá desapareceram cedendo o lugar a nomes mais harmoniosos, como Piolho, que hoje é Carioca, Cadeia, que passou a Assembléia, Valongo, que se chama agora Imperatriz, e Cano, que é ou deve ser Sete de Setembro.
- Dar o autor de qualquer obra quatro exemplares da mesma um à biblioteca pública, outro à da marinha, e mais dous a cada uma⁴⁵ dos promotores públicos, quando a nação, que impõe⁴⁶ sobre os tipos, o papel, etc., poderia dar o exemplo de animação pagando não quatro exemplares, mas ao menos meia dúzia deles para distribuir pelos seus.
- Não ter o batalhão de pedestres uma bandeira para os seus dias de parada. Em vez da águia como tem o estandarte francês, poderia ter por símbolo o pássaro brasileiro, emblema da polícia do nosso país: *Bem-te-vi*.

COUSAS PROVISÓRIAS

Quase tudo no Brasil, ponderou a viscondessa, é provisório, e aquilo que o não é em nome o é na realidade.

- Fala-se na mudança da capital do Império, e assim vede que a corte na cidade do Rio de Janeiro é provisória.
- Fala-se no arrasamento do morro do Castelo, e pela mesma razão as casas e obras que ali se estão construindo são provisórias.

⁴⁴ Havia (e ainda há, embora diversa da original sob alguns aspectos) no Passeio Público, no Rio de Janeiro, uma fonte hoje conhecida como fonte do menino, aqui referida como “o *Soutilinda*”. Essa palavra, não a pudemos encontrar em nenhum dicionário nem no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (1999). A mencionada fonte foi assim descrita por Joaquim Manuel de Macedo (*Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1966, p.89): “Logo ao chegar-se ao alto das escadas centrais, encontrava-se por detrás do outeiro um menino que parecia querer voar e que segurava um cágado que vomitava água em um barril de granito, lendo-se o dístico: **Sou útil inda brincando**, em uma faixa trazida pelo menino.” Evidentemente, a primeira parte da inscrição deu origem à palavra utilizada no texto e, muito provavelmente, serviu, na língua do povo, para designar o menino da fonte. Sugeriu-nos essa explicação a Profa. Letícia Malard, colaboradora e amiga. Na obra de Aníbal Matos (*Mestre Valentim e outros estudos*. Belo Horizonte: Apolo, 1934) a reprodução fotográfica da fonte traz a seguinte legenda: “Sou útil, inda brincando”, antiga fonte do terraço do Passeio Público.” Esses dizeres parecem confirmar a idéia de que a inscrição passou a designar a fonte.

⁴⁵ Entenda-se: “a cada uma das bibliotecas”.

⁴⁶ Observe-se o verbo “impor”, usado sem o objeto direto: a palavra “imposto” deriva do participípio passado de *imponere*, impor.

- A câmara dos deputados ocupa uma casa provisoriamente crismada por palácio.
- O arquivo público está provisoriamente no convento dos frades de Santo Antônio.
- As árvores que se plantam nas ruas são provisórias. Os vizinhos dizem lá consigo: o que vale é que elas não pegam; senão, o que seria da vista! E a vista é praga que persegue as árvores no Brasil, Portugal e Espanha.
- A moeda de cobre é provisória; foi *punçada* provisoriamente e assim ficou. A de papel é ainda mais provisória, pois deve ser resgatada por ouro, cuja estada no país é também provisória.
- A catedral do Império foi provisoriamente instalada na capela dos frades do Carmo, e aí está há anos provisoriamente.
- A rua *Sete de Setembro* chama-se ainda provisoriamente do *Cano*, à espera da sua interminável conclusão. O passadiço novo também é cousa provisória.
- Até os próprios ministérios são presentemente provisórios. O povo, logo que vê subirem os ministros, diz: isto é cousa que não atura muito!

COUSAS COINCIDENCIAIS

Entre elas esquecestes-vos de uma muito bonita, me disse a viscondessa.

E leu-me a seguinte:

- Quem mandou fundar a cidade do Rio de Janeiro foi uma rainha portuguesa, que governava o reino em nome de seu filho, expulsando do país os franceses; quem veio para o Brasil trazendo a sede da monarquia portuguesa foi uma rainha cujo filho governava em nome dela, e que saíam do reino obrigados pelos franceses.

ÚLTIMAS COUSAS

Nas últimas cousas é preciso, acrescentou a viscondessa, não deixar de mencionar que D. João VI foi o último rei que teve o Brasil, e que o Sr. marquês de Olinda foi o último regente.

*

Felizmente a bela viscondessa terminou a sua leitura.

– E então, Sr. doutor? disse-me ela sorrindo-se e com ar triunfante.

– Estou, respondi-lhe eu sem dar grande peso às minhas palavras e na melhor boa-fé deste mundo, estou agradavelmente surpreendido da vossa lição!

– Agradavelmente surpreendido? repetiu ela interrogativamente. Eis aí pois a agradável surpresa que eu vos prometi!

– *Si non è vero è bene trovato!* Disse eu beijando uma mão tão alva como bem contornada. Ao menos mostrei-me agradecido.

FLUVIANO⁴⁷ 

⁴⁷ O pseudônimo do autor, na *RP*, vem seguido de ponto-final.

ABSTRACT

The present text, prepared for publication by José Américo Miranda, was written by Joaquim Norberto de Sousa Silva, one of the most laborious men of letters during the Brazilian Romantic period. Better known for his literary criticism and his contribution to the history of Brazilian Literature, as well as for his biographical studies and for his editions of works by Brazilian Arcadians and Romantic writers, Sousa Silva was also an historian, poet, and dramatist. His “Palestra Brasileira” [Brazilian Lecture], published under the pseudonym Fluviano in *Revista Popular* during the first half of 1962, is a piece in which he joins his poetic aptitude and his endowment as an historian and in which the data gathered through historical research are lightheartedly framed by a fictional narrative.

KEYWORDS

Brazilian Literature, Brazilian History, Romanticism.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, M. Said. *Meios de expressão e alterações semânticas*. Rio de Janeiro: Simões, 1951.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Vocabulário tupi-guarani português*. São Paulo: Éfeta, 1998.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME, 1976.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Notícia histórica da Ilha de Joanes ou Marajó. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, ano VII, n.26, p.145-164, set. 1964.
- FIGUEIREDO, Cândido de. *A ortografia no Brasil: história e crítica*. Lisboa: Clássica, 1929.
- FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 8ed. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, [1939]. 2v.
- FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 2ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. 5v.
- GALVÃO, Ramiz. *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909.
- GAMA, Basílio da. *Obras Poéticas*. Ed. crítica por Ivan Teixeira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967. 2v.
- HOUAISS, Antônio. Preparação de originais – I. In: MAGALHÃES, Aluísio et al. *Editoração hoje*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.
- LUFT, Celso Pedro. *Novo guia ortográfico*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

- MACHADO FILHO, Aires da Mata. *Grande coleção da língua portuguesa*. São Paulo: Urupês, 1969. 5v.
- MATOS, Aníbal. *Mestre Valentim e outros estudos*. Belo Horizonte: Apolo, 1934.
- MENESES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- NASCENTES, Antenor. *Tesouros da fraseologia brasileira*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.
- PASSOS, Alexandre. *A imprensa no período colonial*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.
- PEIXOTO, Almir Câmara de Matos. *Direção em crítica literária (Joaquim Norberto de Sousa Silva e seus críticos)*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1951.
- SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. São Paulo: Nacional, 1987.
- SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. (Pseudônimo: Fluviano) Palestra Brasileira. *Revista Popular*, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, ano IV, t.XIII, p.112-121, jan.-mar. 1862; e ano IV, t.XIV, p.203-213, abr.-jun. 1862.
- SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. (Pseudônimo: Fluviano) Os homens célebres de todos os tempos e de todos os países – Dicionário biográfico universal. *Revista Popular*, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, ano IV, t. XIV, p.257-262 e p.359-364, abr.-jun. 1862.
- SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *Capítulos de história da literatura brasileira e outros estudos*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001.
- SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *História da literatura brasileira e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zé Mário, 2002.
- SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. São Paulo: Nacional, 1987.
- SOARES, Antônio Joaquim de Macedo. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955. 2v.
- SOUSA, J. Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. 2v.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. Apresentação. In: SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *História da literatura brasileira e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zé Mário, 2002. p.11-31.
- VASCONCELOS, Simão de. *Vida do venerável padre José de Anchieta*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1943. 2v.
- VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.